



REVISÃO DE LITERATURA

AUTOMEDICAÇÃO E O USO INDISCRIMINADO DOS MEDICAMENTOS: O PAPEL DO FARMACÊUTICO NA PREVENÇÃO SELF-MEDICATION AND THE INDISCRIMINATED USE OF MEDICINES: THE ROLE OF PHARMACEUTICALS IN ITS PREVENTION

Jocy Carvalho da Silva¹, Maria Salete Vaceli Quintilio²

1. Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires. Goiás, Brasil.

2. Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires. Goiás, Brasil. saletevaceli@senaaires.com.br

RESUMO

Grande parte da população é levada a se automedicar por indicações de amigos, vizinhos e familiares que fazem uso de algum medicamento e acreditam que este irá ter o mesmo efeito em ambos. Mesmo anúncios comerciais e propaganda nas mídias televisivas ou digitais podem levar ao consumo indiscriminado de medicamentos sem orientação profissional. Os medicamentos são essenciais nos tratamentos de doenças, entretanto, a sua utilização sem a devida orientação de um profissional pode trazer efeitos adversos à saúde do usuário. Este estudo de Revisão Literária tem o objetivo de avaliar e identificar os principais medicamentos auto prescritos comercializados em farmácia brasileiras, as possíveis causas do hábito da automedicação e o papel que os farmacêuticos podem desempenhar na prevenção e orientação desta prática. Foram incluídos artigos científicos publicados nos últimos dez anos, disponíveis nas principais bases de dados da área da saúde, usando como critério de inclusão os descritores: automedicação, uso indiscriminado de medicamentos e assistência farmacêutica. Apurou-se que os medicamentos mais consumidos por conta própria são analgésicos e anti-inflamatórios, especialmente aqueles que vão aliviar dores de cabeça, dores na coluna e combater febre e gripes. Este estudo também destacou que a automedicação e o uso indiscriminado dos medicamentos são verdadeiros problemas na saúde pública. O papel que cabe ao farmacêutico é o de orientação na indicação e posologia de cada medicamento, a fim de evitar o uso indiscriminado, combatendo a automedicação irresponsável e promovendo o uso racional dos medicamentos.

Descritores: Automedicação; Uso Indiscriminado de Medicamentos; Assistência Farmacêutica.

ABSTRACT

A large part of the population is driven to self-medicate by referrals from friends, neighbors and family members who use some medication and believe that it will have the same effect on both. Even commercial advertisements and advertising on television or digital media can lead to indiscriminate consumption of drugs without professional guidance. Medicines are essential in the treatment of diseases, however, their use without the proper guidance of a professional can have adverse effects on the health of the user. This Literary Review study aims to assess and identify the main self-prescribed drugs sold in Brazilian pharmacies, the possible causes of the habit of self-medication and the role that pharmacists can play in preventing and guiding this practice. Scientific articles published in the last ten years, available in the main health databases, were included, using as descriptors the following descriptors: self-medication, indiscriminate use of medicines, pharmaceutical assistance. It has been found that the drugs most consumed on their own are painkillers and anti-inflammatory drugs, especially those that will relieve headaches, back pain and fight fever and flu. This study also highlighted that self-medication and the indiscriminate use of medicines are real problems in public health. The pharmacist's role is to guide the indication and dosage of each medication, in order to avoid indiscriminate use, combating irresponsible self-medication and promoting the rational use of medications.

Descriptors: Self-medication; Indiscriminate Use of Medicines; Pharmaceutical Services.

Como citar: Silva JC, Quintilio MSV. Automedicação e o Uso Indiscriminado dos Medicamentos: o Papel do Farmacêutico na Prevenção. Rev Inic Cient Ext. 2021; 4(2):685-92.

INTRODUÇÃO

O uso indiscriminado de medicamentos, seja sem prescrição médica ou por indicação de terceiros, pode acarretar danos à saúde e expor os pacientes a reações adversas, intoxicações e alergias medicamentosas, constituindo-se em causa de morbidade e até mortalidade, muito significativa¹⁻³.

Os medicamentos devem ser utilizados estritamente sob orientação de profissionais capacitados, pois assim como qualquer droga, seja ela natural ou sintética, tem o potencial de curar ou adoecer seu usuário, sendo que seu uso indiscriminado pode ser perigoso.

Um problema que vem se tornando muito comum no Brasil é a automedicação, onde o indivíduo utiliza medicamentos que escolhe por conta própria com o intuito de tratar e aliviar sintomas de doenças menos graves⁴. O uso de medicamentos autoprescritos de maneira indiscriminada leva a um impacto considerável na saúde pública e nos gastos com saúde.

A atuação dos farmacêuticos pode contribuir efetivamente para a saúde da população, possibilitando considerável melhora no combate aos riscos e efeitos da automedicação. O profissional farmacêutico é um agente de saúde de fácil acesso e pode ser encontrado nas farmácias e drogarias de todo o país.

Deve-se ressaltar aqui que o acesso à assistência médica e a medicamentos não implica necessariamente em melhores condições de saúde ou qualidade de vida, pois os maus hábitos prescritivos e as falhas na dispensação, juntamente com automedicação inadequada, podem levar a tratamentos ineficazes e pouco seguros. No entanto, é evidente que a possibilidade de receber o tratamento adequado, conforme e quando necessário, reduz a incidência de agravos à saúde, bem como a mortalidade para muitas doenças⁵.

Portanto, entender as causas e consequências da automedicação e o uso indiscriminado de medicamentos pode contribuir com o panorama da saúde pública e na compreensão da

atuação dos profissionais farmacêuticos a fim de minimizar este problema cada vez mais sério no Brasil.

Este estudo tem, então, o objetivo de avaliar e identificar os principais medicamentos autoprescritos comercializados em farmácia brasileiras, as possíveis causas do hábito da automedicação e o papel que os farmacêuticos podem desempenhar na prevenção e orientação desta prática.

METODOLOGIA

Este é um estudo de Revisão Literária norteado pela preocupação com os efeitos do uso indiscriminado de medicamentos, assim como a automedicação realizada por grande parte da população brasileira. O trabalho também se focou na perspectiva dos profissionais farmacêuticos e seu possível papel na minimização deste problema.

Foram selecionadas obras publicadas entre 2002 e 2020, disponíveis nas seguintes bases de dados: Scielo, Google acadêmico e portal de periódicos da CAPES. Para inclusão neste estudo, buscaram-se artigos científicos com os seguintes descritores: automedicação, uso indiscriminado de medicamentos e assistência farmacêutica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Automedicação

A utilização de medicamentos sem prescrição por um profissional habilitado configura a automedicação, prática que necessita ser utilizada com responsabilidade, ou seja, que permita a administração de medicamentos atentando-se para a segurança, qualidade e eficácia da medicação, inclusive considerando-se possibilidade de interações medicamentosas e reações adversas⁶.

A automedicação é um círculo vicioso em que o usuário tem sua parcela de responsabilidade, principalmente, quando o medicamento autoprescrito não soluciona o problema de saúde, fazendo com que os pacientes procurem alternativas, muitas vezes sob a forma de outros medicamentos, ainda sem a orientação adequada⁷.

De acordo com uma pesquisa feita em 2018 pelo Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ), aproximadamente 79% das pessoas acima de 16 anos se medicam por conta própria sem orientação de um farmacêutico ou sem prescrição médica. Este estudo indica que esta automedicação é orientada por familiares, empregados de farmácias, amigos e vizinhos e ainda, anúncios na mídia, cuja distribuição pode ser vista na Figura 1.

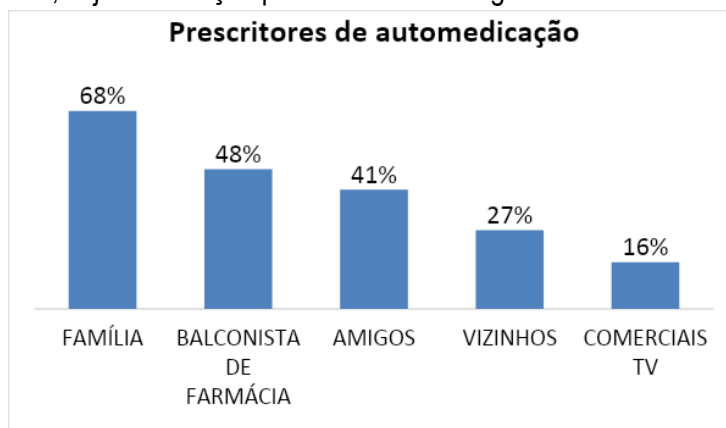


Figura 1 – Principais prescritores leigos de medicamentos no Brasil

A partir do momento em que a sociedade enxerga os medicamentos apenas como produtos comerciais, aumenta a probabilidade de pessoas leigas se automedicarem. Uma vez

que nenhum insumo farmacêutico é inócuo ao organismo, o excesso da utilização pode acarretar uma intoxicação ou reações alérgicas. A automedicação não orientada pode se tornar um problema grave, pois, muitas vezes, o paciente não tem as informações necessárias para efetuar o tratamento de forma correta e segura ⁸.

Schimd et al.⁹ relatam que um indutor da prática de automedicação é a padronização atual de prescrições, o que faz com que a população adote critérios próprios para solucionar problemas de saúde de menor gravidade. O mesmo estudo aponta ainda outros fatores envolvidos na automedicação, entre eles, poder aquisitivo, questões culturais e acesso à informação, além da escolaridade.

Beckhauser et al.¹⁰ destacam que o termo automedicação, além de indicar o ato de adquirir medicamentos sem a receita médica, ainda incluem compartilhar medicamentos com família ou conhecidos, reutilizar prescrições antigas ou o medicamento que sobrou de um tratamento. Ainda segundo os mesmos autores, prolongar o uso de um medicamento prescrito ou interromper tratamento proposto pelo médico também é um aspecto da automedicação.

Contudo, a automedicação pode ser vantajosa se realizada de forma responsável, conduzindo aos seguintes impactos positivos: diminuição de custos com medicamentos para o sistema de saúde; não sobrecarga para os médicos com os atendimentos para os transtornos menores; aumento da autonomia do paciente para resolver problemas simples de saúde; desenvolvimento da responsabilidade prática em saúde. A orientação farmacêutica é inestimável para auxiliar o paciente a ter uma postura ativa na tomada de decisão de forma racional e para alcançar a efetividade terapêutica ^{11,12}.

De acordo com dados do ICTG - Instituto de Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade, os medicamentos mais consumidos por conta própria são analgésicos e anti-inflamatórios, especialmente aqueles que vão aliviar dores de cabeça, dores na coluna e combater febre e gripes (Quadro 1).

Quadro 1 – Medicamentos mais consumidos por conta própria

Medicamentos	%
Analgésicos	48%
Anti-Inflamatórios	31%
Relaxante Muscular	26%
Antitérmicos	19%
Descongestionante Nasal	15%
Expectorante	13%
Antiácido	10%
Antibióticos	10%

Fonte: ICTG - Instituto de ciência, tecnológica e Qualidade (2018)

Uso indiscriminado de medicamentos

O uso indiscriminado de medicamentos pode levar a um diagnóstico incorreto, com erros na administração e na dosagem do medicamento. Gerando complicações tais como: intoxicação, interação medicamentosa, dependência e reação alérgica, entre outros. Quando ingerido de forma incorreta, o remédio possui efeitos colaterais na saúde, causados mais malefícios ao organismo do que benefícios.

Segundo estudo feito por Silva, Duarte e Raimundo ¹³ destaca-se a escolha do Ibuprofeno como anti-inflamatório mais comprado sem prescrição, com 23% de escolha, seguido da Dipirona (22%); Diclofenaco Sódico (17%); Nimesulida (14%); Compostos com Diclofenaco

Sódico, Paracetamol, Carisoprodol e Cafeína (10%); Paracetamol (5%); Piroxicam (4%); Meloxicam (2%) e Ácido Acetilsalicílico (2%).

O vício do consumo de medicamentos sem prescrição pode causar sérios prejuízos à saúde. As sequelas mais importantes acometidas pelos anti-inflamatórios não esteroides (AINE's) acontecem no aparelho gastrointestinal. Ainda que muitos desses pacientes não mostrem sintomas, apresentam risco elevado de desenvolver complicações significativas, como sangramentos e perfurações do estômago. Os riscos dessas complicações são de 1% a 4% por ano no tratamento crônico com AINE's ¹³.

Um estudo acerca do uso indiscriminado de medicamentos feito pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF) em 2019 averiguou que a automedicação se tornou um hábito comum a 77% da população brasileira.

De acordo com a Associação Brasileira de indústrias farmacêuticas (ABIFARMA), cerca de 80 milhões de pessoas se automedicam de forma indiscriminada: quase metade dos brasileiros se automedicam pelo menos uma vez por mês, já outros fazem isso todos os dias ou pelo menos uma vez por semana sendo que as mulheres são as que mais consomem medicamentos por conta própria.

O Conselho Federal de Farmácia (CFF) foi responsável por um estudo intitulado: Caracterização do perfil das intoxicações medicamentosas por automedicação no Brasil, publicado em 2020. Deste estudo destacou-se que quase sessenta (60) mil pessoas entre os anos de 2010 e 2017 foram notificadas com intoxicação por medicamentos.

Os medicamentos são os principais agentes causadores de intoxicações humanas no Brasil, caracterizando eventos decorrentes do seu uso inadequado, como a ocorrência de reações adversas e inefetividade de tratamentos devido à falta de informação dos pacientes sobre os mesmos ¹⁴.

Contudo, mesmo sabendo que o uso indiscriminado de medicamentos é um problema de saúde mundial e que se pode vir a óbito devido à intoxicação por fármacos, muitas pessoas ainda os utilizam de forma incorreta por não conhecerem os riscos ou ainda, porque mesmo conhecendo os riscos, se automedicam a fim de aliviar os sintomas de uma forma mais rápida, sem passar pela demora e incômodo de agendar uma consulta médica. Esse comportamento tem sido considerado como um problema da atualidade e vem se agravando cada dia mais.

Mesmo os medicamentos que não necessitam de receitas para serem adquiridos, tais como analgésicos e anti-inflamatórios, podem causar sérios problemas para a saúde e causar reações adversas. Assim, um trabalho de orientação e intervenção deve ser feito com o intuito de orientar a população a se abster ou minimizar o uso de medicamentos por indicação de leigos ou por similaridade de sintomas, devendo procurar assistência de profissionais capazes de auxiliar neste processo, como os farmacêuticos.

Fernandes e Cembranelli ¹⁵ destacam que “A atenção farmacêutica é uma estratégia para o uso racional de medicamentos, pois por intermédio dela o paciente recebe várias informações e orientações com o objetivo de maximizar a farmacoterapia”. Esses autores também afirmam que, embora não faça parte das atribuições do farmacêutico, o profissional tem a oportunidade única de utilizar seus conhecimentos técnicos para orientar o paciente sobre a automedicação e a utilização do medicamento de maneira racional e consciente.

Papel do farmacêutico na automedicação

De acordo com o Conselho Federal de Farmácia (CFF), no Brasil, para atender a demanda em 2019, existem 88.970 farmácias e drogarias, sendo que 8.403 são farmácias de manipulação e/ou homeopáticas.

Nesse sentido, Israel ¹⁶ afirma que: “Na maioria das vezes, o usuário procura uma farmácia por ser uma instituição de saúde, de acesso fácil e gratuito em busca a orientação

segura do farmacêutico”. Sendo assim, o farmacêutico deve valer-se de sua experiência, visando uma orientação correta para a situação e, se necessário, instruir o cliente a procurar um médico.

A legislação brasileira prevê a presença do farmacêutico no estabelecimento comercial de venda de medicamentos durante todo o horário de funcionamento. A legislação vigente, em seu art. 6º, e inciso I, a Lei nº 13.021, do dia 08 de agosto de 2014 dispõe sobre o exercício e a fiscalização das atividades farmacêuticas e contém em seu texto as responsabilidades do profissional durante a assistência farmacêutica e determina que “Para o funcionamento das farmácias de qualquer natureza, exigem-se a autorização e o licenciamento da autoridade competente, além das seguintes condições: [...] I – ter a presença do farmacêutico durante todo o horário de funcionamento;”¹⁷.

Assim, percebe-se que o farmacêutico é de suma importância para a inibição do uso irracional de medicamentos, uma vez que quando orientado de maneira devida pelo profissional da farmácia, o cliente estará mais disposto a utilizar racionalmente o medicamento advindo da automedicação¹⁸.

A atenção farmacêutica é, então, uma ferramenta utilizada com o objetivo de promover o uso racional de medicamentos e conscientizar a população sobre a importância dessa prática, justificando a necessidade da presença do profissional farmacêutico em todas as farmácias e drogarias do país¹⁹.

O farmacêutico é o profissional que geralmente é procurado antes mesmo do serviço hospitalar, como sendo uma porta de acesso disponível, e que, dentro de sua preparação e habilitação, é capaz de prestar atenção farmacêutica aos pacientes e orientá-los¹⁵.

Em síntese, o papel do farmacêutico na automedicação deve ser orientar o paciente sobre o uso do medicamento de forma racional, mostrando confiança, e conscientizando-o para os males advindos do uso indiscriminado de medicamentos¹⁷.

Aqui cabe um questionamento: quando uma pessoa recebe informações e indicação de um profissional perito em medicamento, não seria contraditório chamar o serviço prestado de automedicação? Explica-se a contradição: uma vez que o farmacêutico é um profissional que tem conhecimentos da farmacoterapia, detendo os conhecimentos patológicos e fisiológicos para males mais leves, a prática do aconselhamento da medicação utilizada não deve ser entendida como automedicação, mas sim como indicação farmacêutica²⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo destacou que a automedicação vem sendo uma ocorrência mundial, atingindo tanto adolescentes, quando adultos e idosos. Grande parte da população acredita que o medicamento pode curar, mas não conhecem as reações ou os efeitos adversos que qualquer medicamento pode trazer para a saúde. Muitos usuários, no entanto, desconhecem para que é indicado o medicamento do qual está fazendo o uso, acreditando somente que vai melhorar os sintomas, acreditando em relatos e opiniões de terceiros.

Grande parte da população é levada a se automedicar por indicações de amigos, vizinhos e familiares que fazem uso de algum medicamento e acreditam que este irá ter o mesmo efeito em qualquer pessoa. Mesmo anúncios comerciais e propaganda nas mídias televisivas ou digitais podem levar ao consumo indiscriminado de medicamentos sem orientação profissional.

Os medicamentos mais comprados sem prescrição médica, para alívios dos sintomas por indicações de leigos são: ibuprofeno, torsi lax, neosaldina, paracetamol, dipirona, nimesulida, omeprazol, meloxicam, diclofenaco sódico, amoxicilina, dorflex e ácido acetilsalicílico entre outros. A compra desses medicamentos adiciona um fator de risco ao paciente: o acúmulo de medicamentos nas residências facilitaria a automedicação indiscriminada.

Contudo, existe uma classe de profissionais que podem auxiliar no planejamento e orientação do uso do medicamento com o propósito de alcançar um resultado concreto que melhore a qualidade de vida do paciente: o farmacêutico.

O papel do farmacêutico no contato com os pacientes é muito importante, sendo este o responsável em aconselhar sobre o modo de usar (posologia) dos medicamentos prescritos por médicos e aqueles que não têm prescrição, garantindo o uso da forma mais correta possível.

Não tem como negar que o uso irracional de qualquer medicamento pode causar inúmeros riscos à saúde, riscos que nem todos os usuários estão cientes de estar correndo, desde a interação medicamentosa aos efeitos adversos, intoxicações e em alguns casos até mesmo o óbito. O medicamento tem a finalidade de solucionar algum problema específico, mas quando usado de forma indevida pode agir como um veneno para a saúde de seu usuário. Usar o medicamento apenas quando sente dor, e interromper o uso ao cessar a dor, ou em outros casos, fazer o uso apenas quando achar necessário, pode causar efeitos indesejáveis, resultando na ineficácia do tratamento e do medicamento em seu próximo uso.

Dessa forma, a literatura estudada aponta que a automedicação e o uso indiscriminado dos medicamentos são um verdadeiro problema na saúde pública enfrentado por boa parte da população. O papel que cabe ao farmacêutico é o de orientação na indicação e posologia de cada medicamento, a fim de evitar o uso indiscriminado, combatendo a automedicação irresponsável e promovendo o uso racional dos medicamentos.

REFERÊNCIAS

1. Cunha AJLA, 2002. Manejo de infecções respiratórias agudas em crianças: Avaliação em unidades de saúde do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, 18:55-61.
2. Dias-Da-Costa JS, Gigante DP, Menezes AMB, Olinto MTA, Macedo S, Britto MAP et al. 2002. Uso de métodos anticoncepcionais e adequação de contraceptivos hormonais orais na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil: 1992 a 1999. *Cadernos de Saúde Pública*, 18:93-99.
3. Assunção MCF, Santos IS, Dias-Da-Costa JP 2002. Avaliação do processo da atenção médica: Adequação do tratamento de pacientes com diabetes mellitus, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 18:205-211.
4. Arrais PSD. O uso irracional de medicamentos e a farmacovigilância no Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 1478-1479, set. / Out. 2002.
5. Arrais PSD. Brito LL. Barreto ML, Coelho HLL. Prevalência e fatores determinantes do consumo de medicamentos no Município de Fortaleza, Ceará, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.21, n.6, p.1737-1746, nov./dez. 2005.
6. Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Consulta Pública nº 95, de 19 de novembro de 2001. [citado em 24 de março de 2018]. Disponível em: <http://www4.anvisa.gov.br/base/visadoc/CP/CP%5B2735-1-0%5D.PDF>
7. Urbano, AZR. et al. Automedicação infantil: O uso indiscriminado de medicamentos nas cidades de Santos e de São Vicente. *Revista Ceciliana*, Santos, v. 2, n. 2, p. 6-8. 2010.

8. Caldas SS. Prescrição farmacêutica e boas práticas: dispensação racional de medicamentos. 69f. Monografia (Bacharelado em Farmácia). Governador Mangabeira: faculdade Maria Milza. 2016.
9. Schmid B, Bernal R, Silva NN. Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. *Revista Saúde Pública*, São Paulo, v. 44, p. 1039-45, 2010.
10. Beckhauser GC, Souza JM, Valgas C, Piovezan AP, Galato D. Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática da automedicação em crianças por seus responsáveis. *Revista Paulista de Pediatria* [internet]. 2010; 28 (3): 262- 268. [Citado em 02 de abril de 2018].
11. Cella E, Almeida RB. Automedicação: enfoque pediátrico. *Revista de Saúde Pública de Santa Catarina*, v. 5, n. 1, p. 72-86, 2012.
12. Pereira DN. Frequência da automedicação em farmácias comunitárias. 2009. p. 91. Monografia (Licenciatura em Ciências Farmacêuticas) – Faculdade Ciências da Saúde, Universidade Fernando Pessoa, Porto.
13. Silva FA, Duarte HKOS, Raimundo RJS. Estudos sobre automedicação no uso de anti-inflamatórios não esteroides na cidade de Valparaíso de Goiás. *Rev. Saúde e Desenvolvimento*. 2016;9(5):143-53.
14. Tierling, VL. Nível de conhecimento sobre a composição de analgésicos com ácido acetilsalicílico. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 223-227, 2004.
15. Fernandes WS, Cembranelli JC. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. *Rev Univap*. 2015; 21 (37): 1-12. [Citado em 23 de março de 2018].
16. Israel ALM. Atenção, dispensação e prescrição farmacêuticas em homeopatia. *Biblioteca Virtual em Saúde* [internet]. São Paulo: 2016. [acesso em 2018 mar 28].
17. Brasil. Lei n. 13.021, de 08 de agosto de 2014. [Citado em 25 de março de 2018]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13021.htm
18. Silva IM, Catrib AMF, Matos VC, Gondim APS. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. *Cienc. Saúde Colet*. 2009; 16 (Supl. 1): 1651-1660. [Citado em 24 de março de 2018].
19. Sousa HWO, Silva JL, Neto, MAS. Importância do profissional farmacêutico no combate a automedicação no Brasil. *Rev. eletrônica farm*. Goiânia, v. 8, p. 67-72, 2008.
20. Soares MA. Automedicação versus indicação farmacêutica. *Mundo Farmacêutico*, n. 18, p. 08-11, set./out. 2005.